



SALGUEIRO

1990



PARQUE LAGE
ESCOLA DE ARTES VISUAIS

RUA JARDIM BOTÂNICO, 414 DE 5 DE MAIO A 3 DE JUNHO DE 1990

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.

O carnaval não é a única coisa admirável que temos produzido no Brasil mas é, sem dúvida, a grande síntese da cultura brasileira.

Há 12 anos atrás, em dois pequenos ensaios, procurei mostrar, tomando o Barroco como referência, que se pode analisar o carnaval segundo categorias estéticas eruditas, as mesmas que os europeus empregam para estudar as várias épocas da história da arte. O carnaval brasileiro é a prova mais cabal da persistência do Barroco nos tempos modernos. E é, também a recriação de um estilo pelo gênio de um povo. Citando Ballet, Tapie, Weisbach, Hauser, Wolfllin, Cali, Charpentrat, Ortega Y Gasset, d'Ors e Allewyn, procurei mostrar que cada uma das teorias genéticas ou formais do Barroco é reelaborado no grande laboratório criativo que é o carnaval brasileiro, tendo em vista as exigências que se põem, a cada ano, pela crescente organização dessa festa popular e pela influência considerável da televisão na própria estrutura do desfile. De fato, o desfile não termina na Praça da Apoteose, pois que desemboca diretamente em nossa casa, via televisão e se eterniza em imagens no vídeo.

À época daqueles artigos (1976) fiz uma distinção entre o que chamei de *escolas visuais* que eram, então, a novíssima Beija-Flor, Salgueiro, Mocidade Independente e União da Ilha, e *escolas verbais*, com Mangueira à frente, seguida pela Império Serrano. Sintetizando: nas escolas visuais, cujos carnavalescos vieram, quase todos, da Escola de Belas Artes e tinham um pé também no teatro (cenografia), a palavra de ordem é a renovação. TUDO PODE SER NEGADO, SUBSTITUIDO, MODIFICADO. O olho comanda, tudo é uma questão de inteligência visual. Com Joãozinho Trinta esta visualidade alcançou seu ponto mais alto, ganhando uma dimensão verdadeiramente feérica, puro deslumbramento. Nas escolas verbais, a palavra de ordem é o respeito ao passado: o que conta é a tradição, o samba no pé. O coração. As escolas visuais desfilam as verbais dançam.

Quando, em 1983, voltei a escrever novos ensaios sobre o carnaval, essa distinção já era menos nítida, assim como, hoje, Portela e Tradição estão parecidíssimas. Na verdade, o visual tomou conta de todas as escolas, inclusive, como se viu este ano, da tradicionalíssima Mangueira. As novas polarizações ocorrem, então, dentro do próprio território da visualidade, entre, por exemplo, o refinamento quase Rococô de um Arlindo Rodrigues, mestre de toda uma geração de carnavalescos, ao lado de Fernando Pamplona, e a estética *kitsch* de Fernando Pinto o genial carnavalesco que teve na Mocidade Independente de Padre Miguel seu momento de maior êxito. Arlindo era, com seu extremo bom gosto, a tradição... dentro do visual, enquanto Fernando Pinto era um super-barroco, popular, na excessiva acumulação de elementos visuais e na estridência de suas cores. O *kitsch* em Fernando Pinto não era, como o da Mangueira, *naïf*, mas crítico, alegre, quase debochado.

Mas o carnaval, como a sociedade brasileira, é dinâmico, e a cada ano surgem novas alternativas, com avanços ou recuos em função de um conjunto de variáveis. A morte de Arlindo e Fernando Pinto, a vitória de um carnaval simples e envolvente como o de Vila Isabel, vitoriosa em 1988, as boas performances de uma escola até então considerada menor como a Estácio de Sá, criaram a expectativa de que poderiam ocorrer modificações de fundo no carnaval dos anos subsequentes. Mas o impacto do desfile da Beija Flor no ano passado, com seu bando de miseráveis e mal trapilhos, foi tão fortemente perturbador que as mudanças foram como que bloqueadas. O certo é que o desfile deste ano foi um tanto morno, não oferecendo inovações significativas. Para mim, que não sou especialista em carnaval, apenas duas escolas tiveram um brilho particular: Salgueiro e Estácio de Sá e o sucesso de ambas tem a ver com Rosa Magalhães.

A realização desta mostra de Rosa Magalhães, atual carnavalesca do Salgueiro, na Escola de Artes Visuais, tem entre outros

méritos, o de chamar a atenção para este fascinante laboratório de pesquisa que é o carnaval. Seria muito interessante que, vez por outra, os alunos e professores da E.A.V. trocassem as salas de aula pelos barracões das escolas de samba. Afinal, a criatividade em artes plásticas não se restringe às formas tradicionais de pintura e escultura, nem mesmo as manifestações de vanguarda, assim como não está confinada aos salões, museus ou galerias.

Mas atenção eventuais candidatos, a formação de um carnavalesco é difícil e demorada, pede muita garra e paciência. O currículo de Rosa Magalhães é esclarecedor a este respeito. Ela estreou no carnaval de 1971, trabalhando com Joãozinho Trinta na escola onde hoje se encontra, desenhando as alegorias de um desfile memorável, Pega no Ganzê. Vale dizer, ela volta a escola onde começou seu aprendizado, volta à escola que é raiz de quase todas as principais renovações do carnaval carioca nas duas últimas décadas e que se enquadram nisto que chamei de "primazia do visual".

Em 1971, Rosa Magalhães apenas terminara sua formação na Escola de belas Artes e não tinha qualquer experiência com as artes plásticas num contexto operístico e teatral como o carnaval. Matriculou-se, então, na Escola de Teatro para aprofundar seus conhecimentos de cenografia. Hoje é professora de cenografia no Fundão e tem feito cenários para teatro e balé. Do Salgueiro, transferiu-se para a Portela, onde ficou dois anos, esteve em seguida no Império (foi campeã em 82 com Baticumbum), na Imperatriz Leopoldinense e finalmente na Estácio de Sá, cujo carnaval comandou entre 1987 e 89. Se a Estácio de Sá chegou a sonhar com o primeiro lugar este ano, o mérito cabe, sem dúvida à sensibilidade do seu atual carnavalesco. Mas creio também que foi vital para o êxito da Escola o trabalho realizado ali por Rosa Magalhães nos últimos três anos. Foi com ela que a Escola tornou-se de fato uma das grandes do carnaval carioca.

Creio que Rosa Magalhães representa, hoje, um ponto de confluência das diferentes tendências do carnaval carioca, ou ainda, representa o equilíbrio entre as escolas verbais e visuais, entre tradição e renovação, entre refinamento e ousadia, entre a garra e o cálculo. Creio, também, que ela não fez tudo o que sabia neste seu primeiro ano do reencontro com o Salgueiro, verdadeira escola de carnavalescos. A atuação anterior de Rosa na Estácio foi marcada por um certo comedimento, por uma economia visual e emocional. Talvez, por isso, e apesar do depoimento do presidente da Escola de que ela entendeu muito bem o espírito da agremiação, o que é, sem dúvida verdadeiro, Rosa Magalhães não ousou tudo que podia. E devia. Mas estou igualmente convencido de que sua exploração criativa virá em 91. É esperar para ver.

Mas, repito, num carnaval morno como o de 90, o desfile do Salgueiro merece ser elogiado, seja pelo ótimo desenvolvimento do tema (e a lenda de Carlos Magno e seus doze pares esconde, na verdade, uma temática nossa, brasileira, que é a persistência do imaginário medieval no sertão nordestino, gerando não só uma cultura popular, mas também erudita, como o provam a obra teatral de Ariano Suassuna, o criador do Movimento Armorial), seja pela beleza e requinte da Comissão de frente, do Abre Alas e dos carros alegóricos, especialmente aqueles que falam da nobreza e glória do Rei e da eterna luta do Bem e do mal.

Mas além de todos estes motivos de encantamento no desfile do Salgueiro, um outro ficou retido na minha memória: o modo admirável como Rosa Magalhães usou uma das cores "da escola" o branco. Raramente o branco ganhou tanta expressividade e autonomia num desfile. Em certos momentos é como se a passarela se transformasse em campos de algodão, em ondas explodindo em espumas no mar, em nuvens encostadas em um céu muito azul. Uma beleza.

Frederico Morais

Rio, abril 1990

O SAMBA DA LOIRINHA MUITO DOIDA

Chamar Rosa Magalhães de loira pode ser apenas liberdade poética. Talvez nem a própria se lembre da cor original do seu topete atrevido e chamativo, que já abrigou mais cores do que pode imaginar nossas vãs filosofias. O caso é que, baixinha e atrevida, ela vai fundo em tudo que faz. Uma parte de seu delírio, geralmente confinado a uma noite de sambódromo, pode agora ser visto com a atenção que ele merece.

A atual exposição é o avesso do desfile. Primeiro, porque fantasias e alegorias ficam paradas enquanto o espectador é que se movimenta ao som do "Sou Amigo do Rei". Segundo porque o espectador poderá conhecer também os esboços e projetos dos quais resultou o que foi mostrado na avenida pelos Acadêmicos do Salgueiro.

Sou fã antigo da escola, do tempo anterior às arquivancadas, já levei muito pau da polícia quando a torcida invadia a avenida e impedida a entrada da escola seguinte — e lembro-me até hoje de Comissão de Frente com mulatas selecionadas por Mercedes Batista! E da Chica da Silva de Isabel Valença!

Acho o casamento Rosa-Salgueiro uma união ideal. Esteticamente Rosa pertence à linguagem iniciada no próprio Salgueiro, salvo engano, por Arlindo Rodrigues e Fernando Pamplona. Uma linguagem de carnavalescos com sólida formação em cenografia e figurinos de teatro que conseguiram enfatizar o lado "espetáculo" do desfile, sem sacrificar a sua origem popular. Foi uma revolução, da qual Joãozinho Trinta estourou todos os limites. Como Fernando Pinto também soube fazer. Como Rosa faz com enorme talento, competência e um algo mais que a torna especial. Se a sua estética tem origem no teatro, a sua imaginação delirante é do mais puro "crioulo doido". E o que seria do Carnaval sem a doideira de gente como Rosa, a nossa Carlota Magna Joaquina?

João Cândido Galvão

Curador de Artes Cênicas e Eventos Especiais
21.º Bienal Internacional de São Paulo - 11/04/90

Esta não é uma exposição individual, mas coletiva. Aliás, uma exposição incrivelmente inédita, pois não se compreende que tanta criação tenha apenas a duração de um desfile na Marquês de Sapucaí.

Um dos segredos do êxito das iniciativas do Morro do Salgueiro é a capacidade de união dos seus moradores. A palavra *comunidade*, tão em moda a partir dos anos 80, encontra no Salgueiro o seu verdadeiro significado. Não é à-toa que tenha surgido lá, em 1934, a primeira manifestação típica de uma associação de moradores. Isso ocorreu quando um "grileiro" pretendeu expulsar os habitantes do morro, dizendo-se proprietário dos seus terrenos. Não é à-toa também que aquela associação de moradores tenha-se manifestado em forma de escola de samba, a velha "Azul e Branco", que em 1953, uniu-se a outras, para formar a gloriosa Escola de Samba "Acadêmicos do Salgueiro". E, finalmente, não é à-toa que os salgueirenses tenham vencido aquela batalha.

Ao mostrar ao público as suas peças do carnaval de 90, o Salgueiro quer, na verdade, homenagear a coletividade, através do produto de um trabalho também coletivo. Não se trata nem de longe, de atender a vaidades tão características de certas figuras que, ao trabalharem para as escolas de samba colocam-se na posição egoísta de quem está acima de todos e de tudo. A verdade é que, em 1990, o Salgueiro contou com o talento de artistas na criação do seu carnaval. Mas estes artistas convocaram a comunidade para se juntar a eles e, num esforço de criatividade e paixão, produzirem aquilo que foi considerado um dos mais belos momentos do carnaval deste ano.

Esta exposição tem uma assinatura: Morro do Salgueiro!

Lygia Santos

Rio, 11/04/90